

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

## ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1863, e estabelecida na antiga igreja do Largo do Carmo.

## BOLETIM ARCHITECTONICO E D'ARCHEOLOGIA

N.º 3

## SUMMARIO

*Dos primitivos habitadores da Peninsula Hispanica*, pelo socio Sá Vilella, pag. 33 — *O novo hospital de Macau*, pelo architecto J. da Silva, pag. 39 — *Castello de Leiria*, (conclusão) pelo socio correspondente o sr. Victorino da Silva Araujo, pag. 42 — *Descoberta rara feita no Algarve*, pelo architecto J. da Silva, pag. 44 — *Apontamentos archeologicos*, pelo socio correspondente F. A. Rodrigues de Gusmão, pag. 45 — *Egreja de Santo André na Villa de Mafra*, pelo socio correspondent: Joaquim da Conceição Gomes, pag. 46 — *Decoração*, pelo architecto J. da Silva, pag. 47 — *Chronica*, pag. 48.

## DOS PRIMITIVOS HABITADORES DA PENINSULA HISPANICA

(FRAGMENTOS D'UM ESTUDO ARCHEOLOGICO)

Não sei se logo depois da apparição do homem sobre a terra, quando o estado d'esta lhe havia preparado as condições, para a sua vitalidade se desenvolver e sustentar (1), foi, ou não, este rei da criação semelhante ás feras: não na intelligencia e espirito, superiores, com que Deus o dotou, nem na capacidade de se entender com os animaes da sua especie, por meio da palavra (2); mas no modo silvestre do seu viver, e nos instinctos de ferocidade, reacção antidivina da sua origem, de que ainda hoje, desgraçadamente, vemos tantos exemplos; «porque as cogitações e a intenção do coração humano propendem para o mal desde a adolescencia» (3).

Seja ou não seja este, effectivamente, o estado natural do homem; ou fosse elle resultado d'uma degeneração

(1) Na epocha terciaria?

(2) Ajuntar-lhe-hei ainda o caracteristico moral e religioso; porque para alguns naturalistas não basta a intelligencia e o verbo do homem, para o distinguir dos animaes: taes virtualidades encontram-se tambem, posto que grosseiramente, n'outras especies.

(3) Genesis, VIII, in f.

— d'algum isolamento—que o embrutesse (4), consequencia da perda d'uma primeira civilização, a que tivesse dado causa alguma immensa catastrophe physica do globo (submersões, terramotos, vulcões, diluvios); ou provinda d'alguma enorme revolução social (especie d'idade-petroleira, prehistorica...) (5), que dispersasse os homens, e lhes confundisse a linguagem: vestigios se têm encontrado, modernamente confirmados, d'aquelle viver ferino (e até de canibalismo?) em muitas partes da terra, e n'alguns pontos da nossa península.

As investigações, e a analyse sobre taes vestigios, levaram os sabios a classificar os homens d'essas edades remotas, com o nome d'*homens das cavernas* (6); ao que a archeologia chama a primeira idade da pedra (archeolithica).

(4) Já houve quem suppozesse ser o macaco oriundo do homem degenerado! Mas o que parece certo é que alguns povos, hoje grosseiros, apresentam signaes d'antiga civilização. Os samoidas, por exemplo.

(5) A sciencia não tem rasão de ser partidaria, nem politica nem religiosamente: o seu dever é ser unicamente sciencia. Mas eu não pretendo dar-me como philosopho, e muito menos como naturalista; até escrevo mais como simples curioso, do que mesmo como archeologo, fique dito uma vez por todas: relevem-se-me, pois, esta e outras aberrações d'estylo.

(6) Que não é o mesmo que o troglodyta de Linneu.



Escusado será embrenhar-me agora na complicadíssima questão do tempo mais ou menos duradouro d'essa idade (7); se ella foi parcial, ou geral em toda e terra; se já findou n'alguns logares; se se prolongou n'outros (8); ou, finalmente, se existiu n'alguma parte conjunctamente a certa civilisação. O que importa, para o meu proposito, é deixar estabelecido que os homens das cavernas habitaram a península hispanica, e nomeadamente o nosso Portugal (9).

Depois da primeira idade da pedra segue-se a segunda (neolithica), denominada a idade da pedra polida (do osso e da loiça): epocha dos dolmens.

Que os povos, que usaram dos monumentos megalithicos, habitaram a nossa península, temos ainda hoje as provas manifestas, vendo as *antas*, que não raras se encontram pelas provincias de Hispanha e de Portugal.

Seguem-se ás edades da pedra as do bronze e do ferro, relativamente curtas, que se chegam a datar de cincoenta e mais seculos, antes da era christã (10); e semi-historicas, por assim dizer.

Aos fins da segunda idade da pedra, e começo das do bronze e do ferro, se poderão referir, segundo me parece, as invasões na nossa península:

I dos atlantes.

II dos iberos.

III dos *celtas*, etc. (11).

Ora, quando eu fallo em *celtas*, é para acompanhar o commum dos historiadores; porque para mim, *celtas* e *celticos*, são apenas expressões historicas, que designam ás mais das vezes, povos desconhecidos. Antigamente chamaram *celtas* a todos os povos, de quem não

(7) Algumas opiniões, e bem fundadas nas descobertas paleontologicas mais recentes, lhe dão setenta e mais seculos de duração.

(8) Na theoria moderna, hoje mui acreditada, de que as revoluções do globo se têm operado e vão operando, lentamente e sem grandes violencias, bem poderia a epocha terciaria durar ainda n'alguma parte da terra, quando já a quaternaria houvesse começado n'outra; bem poderia o periodo glacial d'esta ter invadido a Europa, deixando, por exemplo, em mais suave clima do que o actual, a Siberia asiatica, onde começa a desconfiar-se agora da existencia d'um povo de notavel civilisação, em mui remotas eras.

(9) V. as Memorias do Sr. Pereira da Costa, do Sr. Carlos Ribeiro, do Sr. Delgado, e dos Srs. D. Cassiano do Prado, D. Manuel Gongora, etc.

(10) Todos sabem que a chronologia antes do nascimento de Christo não é absoluta. Podem-se citar datas muito mais remotas, sem invocar as chronologias orientaes, nem as egypcias; mas auctorizado pela sciencia.

(11) Estes e outros nomes não servem senão para designar certas gentes; mas não querem, talvez, significar povos, que n'essas epochas já com taes nomes se appellidasssem.

sabiam a origem, e aos quaes por consequencia não sabiam tambem que nome dar-lhes. Por toda a parte viam *celtas*. Na Asia, na Europa, na Africa; e até, se bem me recordo, no seculo XVII os foram lobrigar na America! Eram os *celtas* um especie de cogumêlo humano, que brotava espontaneo em todas as regiões.

Não o digo porque pretenda negar absolutamente a existencia de um povo, ou nacionalidade, a quem tal nome caiba; nem ainda as colonias, que de tal povo proviessem. Mas porque passar alem d'isto, e dispersar *celtas* por toda a parte, como quem semeia penisco, mormente tractando-se d'um povo que se diz *dorminhoco*, fazendo-o origem de cem nações, como se não houvesse na terra outros povos, creio que é arriscar uma theoria inadmissivel (12).

As edades archeologicas, porém, a que me referi (duas da pedra, a primeira das quaes alguns subdividem em cinco periodos; a do bronze e a do ferro, que tambem alguns subdividem em duas), não marcam em toda a terra, nem creio que em nenhuma parte d'ella estabeleçam uma certa gradação, obrigada e constante, dos progressos da civilisação humana. N'alguns logares existiriam as edades da pedra, quando n'outros já existiam as do bronze e do ferro, e ainda n'outros mais adiantada civilisação; ou coexistiriam simultaneamente todos os factos de taes edades n'alguma grande região da terra, mesmo já nos tempos historicos, como parece hoje confirmar-se, pelo que se conhece da epocha actual, em que sabemos de povos cuja barbaria lamentámos, a par d'outros cuja civilisação se admira; e de tribus selvagens e d'anthropophagos, juxtapostas ás colonias das nações mais policiadas da terra (13).

Para se poder conjecturar alguma coisa a tal respeito, com fundamento, seria necessario que os estudos da paleontologia e da archeologia se desenvolvessem pela Asia, Africa e America, como se têm desenvolvido pelas nações europeas: seria indispensavel que as excavações geologicas, as investigações e as diligencias dos sabios se praticassem pelos sertões da Asia, pelos gélos do Baltico, e pelas regiões desconhecidas da Africa e da Oceania, como se vão praticando, principalmente, pela Dinamarca, Italia, Belgica e França.

(12) Plutarcho levou os *celtas* á Italia em demanda do vinho d'aquella região, que os enthusiasára. Com mais rasão elles viriam á nossa península, conhecendo o *Xerez* e o *Douro*...

(13) Entre innumeraveis exemplos, e sem fallar das tribus chamadas *indigenas* das duas Americas, citarei os *Boschimans*, que, apesar de confinarem com as cultas colonia ingleza do Caboda-Boa-esperança, e republica hollandeza do Transvaal, resistem a toda a civilisação.



Mas d'onde vieram á nossa península (porque eu não creio em autochtones, e preferiria o transformismo derivado das theorias de Darwin) os homens das cavernas, póde ser que d'envolta com alguns animaes ferozes de diversa zona (14), para nos legarem pelas grutas os restos fosseis das suas necropoles ou da sua fereza, dos seus repastos ou da violencia sobre homens por homens exercida?

D'onde veiu, até ás plagas extremas do occidente, o povo nomada dos dolmens, para nos deixar os seus monumentos (religiosos?) grosseiros, mas indicando sentimentos moraes, e uma certa arte, no trabalho da pedra, osso e barro, alguma vez com entalhaduras notaveis?

Quaes foram as colonias, que introduziram, ou desenvolveram na nossa península a industria dos metaes?

E, finalmente, que povos occupavam a península hispanica na epocha da conquista romana?

A estas interrogações só se poderá responder com longas discussões hypotheticas.

O berço da humanidade ainda está por descobrir. Provavelmente nunca se descobrirá. E quem sabe (permitta-se-me arriscar um paradoxo), se elle hoje jazerá submerso na profundidade dos mares? (15) Como porventura parecerá verosimil a quem achar fundamento na theoria de Adhemar; ou talvez não pareça absurdo, a quem meditar nos cataclysmos, periodicos ou não periodicos, que no nosso globo tem havido, especialmente no periodo plioceno (16).

(14) A questão climatologica poderia ser levantada n'este lugar se não fosse uma questão relativa. Sabe-se que nas primeiras epochas da natureza a terra não era dividida em tamanho numero de climas como hoje. Sabe-se tambem que o clima da epocha terciaria foi mais benigno do que o da quaternaria em que estamos; e se o facto, a que alludo, se passou antes do periodo glacial da epocha quaternaria, a existencia na Europa de animaes equatoriaes não póde offerecer argumentos serios para uma opposição climaterica.

(15) Sem que me refira ao homem-peixe d'um certo naturalista!

(16) Foi por esses tempos, que os geologos dizem que a America se separou do nosso continente; que a parte septentrional da Europa se foi deprimindo gradualmente; que o mar penetrou até ao norte da Germania e ao centro da Russia, inundando a Inglaterra; que a Grecia e a Sicilia se desligaram da Africa, e se formou talvez o Mediterraneo á custa d'algum vasto continente. E quem sabe o mais que nos poderá indicar a exploração geologica d'outras partes da terra se chegar a fazer-se alguma vez? Não devemos tambem esquecer, que a ruptura ou a formação d'istmos, as inundações ou dissecamentos de territorios, etc. tanto podiam servir para favorecer ou contrariar as emigrações e immigrações, como para unir ou separar povos. A geologia é hoje, no meu conceito, a primeira das sciencias: confio que ella nos dará algum dia a historia da terra e da humanidade...

Por mais que se diga, o Genesis é um grande livro! Tudo quanto no seu tempo constava de tradições do PRINCIPIO, n'elle se encontra, embora imaginosa e simbolicamente relatado, ou menos comprehensivel, seja qual for a rasão, para a nossa intelligencia. N'esse livro admiravel temos d'estudar os tempos primitivos, e perscrutar es antehistoricos. Maravilhados ficámos depois quando, applicando as descobertas das sciencias modernas aos enigmas, metaphoras e orientalismos do livro de Moisés, achámos a concordancia dos factos com as phrases escriptas, e lhes descortinámos o mysterio.

Por toda a parte se encontram a tradição e os vestigios d'um diluvio; até os temos historicos: na antiga Grecia, o que deu origem á Moréa e ao monte Tena-ro; na meia-edade, o que deixou a descoberto as ilhas do Texel, Eyerland, etc. Nos nossos dias mesmo, estamos presenciando os mares deixarem umas costas e alagarem outras; rebentarem os vulcões; subverterem-se territorios; apparecerem e desaparecerem ilhas; esconderem-se rios; abysmarem-se montanhas...

A existencia do homem anterior ao diluvio biblico, está hoje demonstrada, dando rasão a Moisés. E póde ser que, pelo fundo d'algum mar, ou sob algum terreno d'alluvião, ainda existam, ou tenham existido, os restos da cidade d'Henoch, e dos industriosos descendentes de Caim: Jabel, o constructor; Tubalcaim, o mestre dos artifices do cobre e do ferro; Noéma, a tecedeira; e Jubal, o *maestro* das citharas e dos orgãos...

N'este lugar, o Genesis suscita-me a idéa de que as edades do bronze e do ferro fossem anteriores ao diluvio biblico, ou por esses tempos, pelo menos na Asia. Eu creio n'uma civilisação antediluviana, ou que precedeu a inundaçáo d'uma grande parte do Oriente. E quem sabe se o Eden com o seu jardim não é tambem o symbolo d'uma civilisação mais remota ainda? (17).

Ora, é antiga opinião entre os eruditos, que a habitação da nossa península data dos mais remotos tempos; e que d'ella passaram tribus para a Gallia meridional, e para a Italia e Sicilia, quando esta ilha estava ligada com a península italiana. Os siculos e ligures, que está assentado ser o mesmo povo, tiveram-nos aquelles eruditos como ali idos da extremidade a mais ao sudoeste da Betica, e oriundos da Libya. Tal é tambem a opinião de Niebuhr; e já Strabão tinha esse povo grosseiro como misturado com iberos e celtas.

(17) Esta idéa d'um livro pouco conhecido (*La fin du monde par la science*) foi plagiada por Lamartine no Job do seu *Cours familier de littérature*. Os plagios enojam; mas devem-se relevar, e talvez applaudir, ao genio, quando assim levanta e torna conhecida uma grande idéa.



Acreditando na opinião, sobre a antiguidade da povoação da nossa península, e que de toda ella a parte mais antigamente povoada fôra a Betica e a Lusitania, parece-me, contudo, que os ligures não iriam á Italia procedentes d'Hispanha; mas foram directamente da Africa, quando a Sicilia esteve reunida á Numidia: o que não vae além da epocha quaternaria, como o provam os fosseis alli descobertos, e uma serie de rochas submarinas em direcção ao continente africano (18). Isto, a meu ver, não contraria a opinião dos historiadores a que alludi, fundada na tradição e habitos do povo ligure; porque supponho da mesma familia alguns dos povoadores da Betica e da Lusitania, vindos tambem directamente d'Africa á península hispanica; mas pelo isthmo d'Abyla, que durando a mesma epocha prenderia os dois continentes europeu e africano, como ha todo o fundamento para acreditar (19).

E onde foi buscar a tradição historica, hoje mais acreditada, os povos que habitaram principalmente a parte meridional da nossa península senão á Africa?

Os homens das nossas cavernas peninsulares, porém, foram, segundo me parece, muito anteriores a esses povos; e se a navegação só começou a ser conhecida pelos tempos da segunda idade da pedra, como se crê, por onde poderiam cá vir taes homens sendo africanos tambem, como creio (20), se não por algum tracto de terra que unisse os dois continentes?

Deixando de parte a Atlantide de Platão, que não tenho por inteiramente fabulosa (como tambem não tenho por imaginarias muitas das circumstancias dos *romances periplos* dos gregos) (21), póde suppor-se, que

(18) A Italia é riquissima de monumentos prehistoricos. Por lá se encontram tres especies d'estações humanas. A Hispanha está muito atrazada n'estas explorações. De Portugal nada direi, por esta vez... O elephante d'Africa, a hyena malhada, e mais algumas especies da fauna africana, encontraram-se na Sicilia (gruta de San-Teodoro). A ilha Pantelaria parece ter sido o elo que encadeiava a Sicilia com a Africa.

(19) Sem recorrermos a Erathostenes, um escriptor e archeologo mui erudito, que tem hoje auctoridade (o Sr. Maury), faz notar, que o monte Atlas prende mais com o systema orographico europeu, do que com o da Africa; e que o territorio que o circumda, por seu clima, vegetação e população mais pertence á região mediterranea do que propriamente á africana.

(20) O craneo achado ao pé de Gibraltar, em jazigo extremamente antigo, e descripto pelos srs. Broca e Busk, é anthropologicamente considerado de raça muito differente da Berbére (ibera), e classificado como das mais inferiores raças da especie humana.

(21) A sciencia geographica da Grecia está ha muito reconhecida como de grande imperfeição e leviandade. Os geographos gregos aproveitaram mal, e sem critica, o que lhes constava por phenicos e cartaginezes. Terei outra occasião de fallar a tal respeito.

das innumeradas hordas selvagens, que errassem pela Mauritania, ou pela Numidia, quem sabe se ascendentes dos troglodytas e atarantes d'Herodoto, algumas d'ellas penetraram na Betica e na Lusitania; e talvez com ellas algum bando de pretos, dos que se reputam *indigenas* dos planaltos dos sertões d'Africa, desde tempos immemoriaes (22), perseguindo-as; ou foragidos como ellas, d'algum grande cataclysmo acontecido pelo Sahara (23); ou ainda, acossados por outras tribus, arabes, ethiopes, egypcias; guerras tambem existentes no tempo d'Herodoto, e de que este historiador nos dá amplas noticias (24).

Entre os craneos que se não descoberto, nas escavações da nossa península, da França, e da Italia, julga-se serem alguns da raça preta (25); e apparecem misturados com outros da raça branca (semitica?), e tambem da raça mongolica. O que provaria a coexistencia nas mesmas regiões d'homens oriundos de mui diversas partes da terra; aos quaes a antipathia, a indole, ou a necessidade impelliria a aggrederem-se, digladiarem-se, e talvez devorarem-se, como tristemente parece indicall-o o exame das ossadas d'algumas cavernas (26).

Entendo, porém, dever confessar n'este logar, que, sem desconhecer os serviços muito apreciaveis, com que os estudos anthropologicos podem auxiliar a sciencia, eu contento-me com a ethnologia, porque o meu espirito não comprehende uma importancia de maior alcance na anthropologia... Assim como não a comprehende

(22) Os naturalistas consideram o grande planalto do centro da Africa como isento das revoluções geologicas que revolveram o solo, que hoje habitámos; e os pretos contemporaneos da epocha da formação d'aquella região.

(23) Ha quem supponha que os paizes da Berberia formavam em tempo uma ilha no Mediterraneo. E esta supposição, e a de muitas mais ilhas do que as actuaes, por esse mar, e pelas costas mais occidentaes da Europa, tem a seu favor a confusa tradição d'antigos geographos e historiadores. Averiguou-os todos o nosso phantasiozo Luiz Marinho d'Azevedo, sob mui frivolo assumpto. Mas a existencia de um mar interior no Sahara parece estar confirmada, por muitas circumstancias ultimamente observadas, n'aquella parte da Africa.

(24) Liv. IV, 181 a 196.

(25) Na opinião d'alguns naturalistas a raça preta é a mais antiga das humanas raças. O homem, pois, teria principiado... não por um ou tres macacos, como a outros parece; mas por um preto muito feio, até chegar á perfeição do Apollo de Belvedere! Sendo assim, os craneos a que me refiro, poderiam provir do homem primordial, que muitos milhares de seculos de existencia em meigo clima foram transformando n'um gentil *manú*...

(26) Os mais modernos naturalistas têm por sem duvida as provas d'anthropophagia, recentemente descobertas n'algumas cavernas da Italia.



na philologia comparada; aliás muito prestavel, e a que alguns, menos convenientemente, em quanto a mim, chamam glotica.

Sigo a opinião d'aquelle celebre naturalista, ainda hoje auctoridade, e que jamais deixará de ser apreciado, para quem o homem era sempre o mesmo em toda a parte, apenas tinto pela côr do clima (27).

Cada anthropologista tem o seu systema: e mais de vinte classificações têm apparecido, dividindo e subdividindo a especie humana n'um sem numero de grupos e variedades, e até em diferentes especies. Por fim de contas, tudo se resume nas tres côres do homem: branca, amarella e preta. As analyses anatomicas do craneo e suas formas; as medições do indice cephalico; o exame das orbitas; da dentadura; do cabello; etc. etc. são estudos respeitaveis; mas, em quanto a mim, não podem aspirar ao completo conhecimento da humanidade.

Pelo que respeita á linguistica, na minha humilde opinião, dá-se o mesmo caso. Na totalidade todos os grupos linguisticos reduzem-se a tres (ou cinco divisões, quando muito), em que todos elles podem ser classificados. Demais, a anthropologia anda em desacordo com a linguistica. Os dois estudos ainda até agora não poderam combinar-se, para descobrir um pharal que nos guie na obscura questão da especie humana.

Difficilmente o acharão. Com os homens que têm desaparecido da face da terra, como ainda hoje se vão extinguindo muitas tribus das duas Americas, perdidas ou exterminadas, pôde ter-se extinguido tambem o typo do homem, e o da lingua, primordiaes. Alem d'isso, a fusão das raças, e a confusão das linguas, poderão ter obliterado os primevos typos (28).

É excellente a investigação, por meio da litteratura oriental, dos principios da CREAÇÃO, e do desenvolvimento da nossa especie. É muito louvavel a indagação por meio da philologia comparada, do encadeamento ou divisão dos povos. É muito honroso ir buscar d'entre as gentes indianas, immemorialmente religiosas e civilisadas, as emigrações que povoaram a nossa Europa; e estudar, por meio da anthropologia, os caracte-

(27) Buffon: tantas vezes citado a este mesmo proposito. Link, muito conhecido entre nós, pensava, que a classificação das raças era uma classificação viciosa. Tenho por muito interessante quanto a este respeito escreveu.

(28) O Sr. Lubbock entende que as raças degeneradas desaparecem da face da terra, e aquellas, cujo estado social fica estacionario, não crescem em numero; só as nações, cuja civilização progride, augmentam consideravelmente. Bem sei que os anthropologistas recorrem ao atavismo, em certas difficuldades; na linguistica porem não ha esse recurso.

res physicos, que distinguem as raças, para encontrar na mais perfeita d'ellas os nossos illustres ascendentes...

Mas, ao cabo de tanto lidar e d'uma sinuosa perigrinação pelo labyrintho da erudição mais difficil, iremos encontrar o caminho, que com tamanho affan houvermos percorrido, já *orientado* pelas indicações da biblia. Teremos, é certo, aclarado muitos topicos, que nos eram obscuros; rectificado outros, que nos eram incompreensiveis, e tinhamos por impossiveis de conciliar: a final, porém, iremos parar aè mesmo ponto, embora encaminhados por diversas vias. Este ponto é o da unidade da especie humana, cingida a uma tradição, mais ou menos legendaria, commum a todos os povos da terra.

Com aquellas hordas, ou irrupções d'aquellas gentes, semi-selvagens, vindas d'Africa, e d'origens diferentes, nas quaes incluo não só os troglodytas da nossa peninsula, mas tambem os *podionomitas* do Sr. Dupont, que este illustre geologo julga terem habitado tambem os valles e as planicies d'Hispanha, e serem os creadores da industria da pedra polida; conjecturo eu que seria feita a povoação d'esta parte da Europa na edade archeolithica. Estes homens por aqui se iriam estabelecendo, mariscando, caçando, guerreando-se, dilatando-se talvez, tornando-se emfim *aborigenes*.

Até muito depois do periodo glacial, da epocha quaternaria, quer-me parecer que não se podem admittir na nossa peninsula outros homens senão vindos d'Africa; porque as migrações pelo centro da Europa gelada, ou coberta d'agua, seriam impossiveis. Ou então, teremos d'alongar para o periodo mioceno da epocha terciaria, a antiguidade do homem na nossa peninsula, para o que não ha por ora fundamento bem reconhecido (29), se lhe quizermos conjecturar outra proveniencia.

(29) O Sr. Carlos Ribeiro está convencido da existencia do homem na epocha terciaria, em Portugal, em rasão das pedras trabalhadas por mão humana, que encontrou n'uma excavação, nas camadas miocenas, do valle do Tejo, 35 a 40 kil. de Lisboa. No congresso internacional d'archeologia prehistorica, de 1872, alguns sabios deram rasão ao Sr. C. Ribeiro, em quanto ao trabalho da mão do homem; reservaram-se porém emquanto á epocha do terreno em que aquellas pedras foram achadas. O sr. padre Bourgeois tambem está persuadido, por igual rasão, da existencia do homem na epocha terciaria, em França. Provada a existencia do homem terciario na nossa peninsula, não seriam os troglodytas os seus primitivos habitadores; porque a formação das cavernas, julgo que só poderá datar-se da epocha quaternaria. Mas ainda assim parece-me que não seria facil *provar* a primitiva povoação da nossa peninsula por outros homens, que não fossem os vindos d'Africa.



Muitos seculos depois, viriam ainda d'Africa os atlantes (30), e talvez os iberos. E mais tarde, ou por esses mesmos tempos, outros homens, provavelmente da raça boreal: os procedentes do povo dado aos monumentos megalithicos. Se é que a um unico povo estes podem ser todos attribuidos; o que me não parece.

Como qualquer das edades archeologicas se acredita ser de longa duração, n'umas partes mais do que em outras, e com periodos de transição n'algumas, tanto pôde ser que taes monumentos sejam resultado d'um ensinamento mutuo, como de praticas aprendidas no uso de costumes, *habitat*, e viver semelhantes, ou quasi semelhantes, creados por identicas necessidades, mesmo em povos extranhos uns aos outros (31). Hoje ha elementos para poder provar as relações, por assim dizer, internacionaes d'estes antigos povos entre si. Assim como os ha, para se acreditar, que povos muito vizinhos se desconheciam. Indagar os motivos não vem para aqui.

O que parece demonstrado é que os monumentos de pedra: menhirs, peulvens, cromleches, nuraghis, gamellas (bassins) dolmens, antas, que sei eu? que se encontram em muitas regiões da terra, desde a Siberia a Tunes, e do Japão á serra de Cintra, são de mui varias fórmãs, e de diferente caracter; denotando, se não diversos fins, pelo menos diferente modo d'applicação. Nota-se n'alguns certo artificio; o qual, junto á habilidade com que foram obrados muitos dos objectos encontrados nas excavações do seu solo, indica uma certa civilisação, que na maior parte d'outros se não reconhece. Isto provaria, pelo menos, o progresso de muitos seculos, que poderiam dar occasião á separação de muitas tribus, e formação d'outras, que, pelo exemplo, imitação, ou pelo raciocinio, se assimilhassem nos usos.

(30) Povo oriundo da região do monte Atlas. Conhece-se a opinião d'alguns escriptores, que dizem ter reinado em Hispanha Hespero, irmão do rei Atlas, 11:044 annos antes de Christo. E é tambem muito conhecida a tradição do rei Gerião. Estas tradições historicas, quando não são completamente absurdas, creio que não devem ser desprezadas; e, ainda assim, talvez não seja de todo infructuoso indagar-lhes a origem. Um erudito hispanhol, para sair de todas as difficuldades, imaginou que os homens foram transplantados pelos anjos para diversas partes da terra, com o fim de a povoarem... E passa por historiador critico este *insigne doutor!*

(31) Já um geologo muito auctorisado, avaliou o trabalho de alguns silex, achados em logares mui remotos, com tal similhaça de fórmula e acabamento, que poderiam dizer-se trabalhados todos pela mesma mão. E no entanto pôde ter-se como certo, que os homens que fabricaram esses silex nem sequer já mais se veriam.

Não façamos, pois, hoje com o povo dos megalithas o mesmo que os antigos fizeram com os celtas. Assim como, na minha opinião, nem todos os homens das cavernas representam a mesma raça, mas sim as mesmas necessidades, e por motivo de circumstancias eguaes, identico modo de satisfazer-as; assim tambem os homens dos megalithas representam já um progresso relativo de civilisação, circumstancias diversas, provenientes d'um modo de vida menos agitado, e de natureza mais pacifica, e por consequencia diferentes necessidades por outro modo satisfeitas.

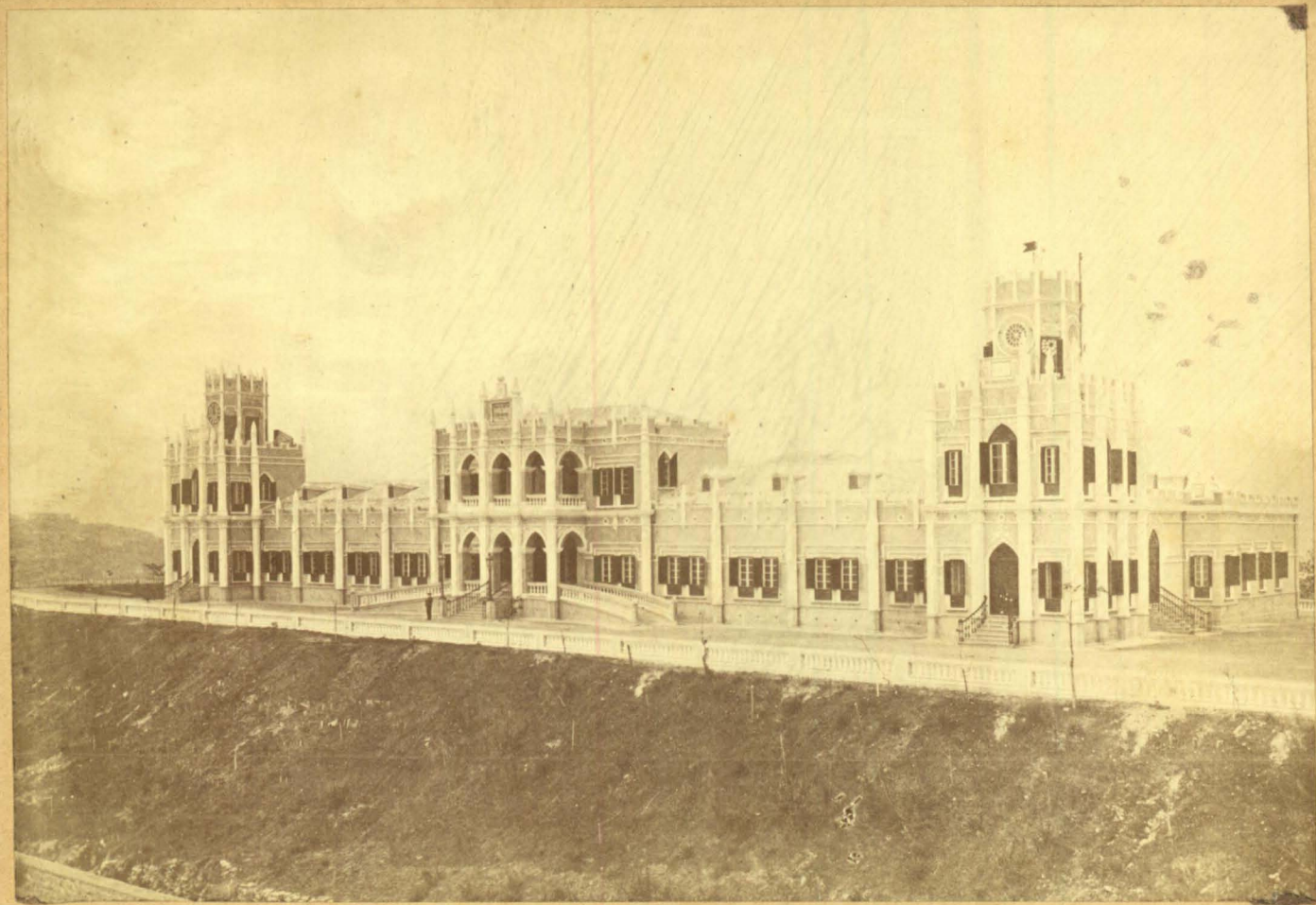
Os archeologos parece concordarem, attribuindo ao povo dos dolmens todos os monumentos de pedra, suppostos da mesma idade, e conjecturando que esses monumentos marcam o itinerario da migração d'este povo nomada. Não concordam todavia, sobre a proveniencia d'elle. Alguns o têm por um povo de gente d'alta estatura (os gigantes a que allude a Biblia), e de cabello loiro, saído do norte da Europa. Outros, julgam-no oriundo d'Africa. E não falta quem o vá buscar ao inextinguivel viveiro d'homens, que para muitos escriptores é sempre directamente a Asia. Por *celtas* é que d'antes o tinham todos!

Em meu fraco juizo, inclino-me a achar mais sagazes e concludentes as razões dos que supõem uma migração de gente, habituada ás construcções megalithicas, provinda do Baltico; talvez, supponho eu, quando pelo arrefecimento das regiões polares, os gélos expulsassem dos plainos hyperboreos o homem, a quem ellas já não podiam offerecer condições de vida.

Quer-me parecer, porém, que nem todos os homens dos megalithas, procedem d'esta migração; ou mui numerosa, e por longo tempo durou ella, para poder dispersar-se por tantas e tão longiquas partes da terra! E ainda assim mui custosa será de provar a sua identidade em muitas d'essas partes.

Tambem me quer parecer, que na epocha em que se verificou a entrada de taes homens na nossa peninsula, relativamente moderna, já estaria muito rareada, se não extincta, a primitiva população troglodyta; ou porque os homens das cavernas uns aos outros se houvessem destruido; ou por outras causas, que na longa duração da primeira idade da pedra poderiam ter sido muitas. Pois que não me parece natural, que os homens das antas se dilatasse tanto, desde os montes Pyreneus até ás penhas do Cabo-da-roca; nem os atlantes, pela Betica e Algarve; nem, finalmente, os iberos, por grande parte da nossa peninsula, até ao Rhodano, sem porfiada oppugnação d'aquelles homens quasi selvagens, que por ahí existissem, se fôra grande o numero d'elles. E sendo pequeno esse numero, bem





REPR.<sup>am</sup> DE H. NUNES

ESTAMPA 5ª

HOSPITAL MILITAR DE MACAU



poderia ir sendo exterminado pelos recém-chegados (32).

A estes povos, os atlantes, o das antas, e o das minas (iberos) me parece, que se poderão ajuntar, mais tarde, algumas colonias gaulezes, *celtas e celticas*, que atravessassem os Pyreneos, e a final se fundissem no povo chamado celtibero. Sem que isto queira dizer, que não restassem outros povos, por diferentes partes, na nossa península.

Aconteceria isto, já no decurso das edades do bronze e do ferro, n'outras regiões da terra; edades que na nossa península talvez melhor seriam denominadas *eda-de dos metaes* (33).

E, para seguir o conselho de Schlegel, de que não devemos abandonar as tradições historicas, cumpre-me mencionar ainda, a de que mui antigos escriptores se fizeram echo, da vinda á nossa península dos netos de Noé (34). D'esta raça, a japetica, é provavel que proviessem ainda novos elementos de civilisação.

Assim existiriam as coisas, pelo tempo da vinda dos phenicios, gregos e carthaginezes, que, commerciando, ou guerreando, se foram estabelecendo por muitos pontos da nossa península; dando origem a diferentes cruzamentos e fusões de povos, com os quaes se foram

(32) Será conveniente lembrar n'este logar, aos que se admiram de não se encontrarem maior porção d'ossadas humanas, e de serem ainda mais raros os craneos, na maior parte das excavações: 1.º, que o movimento das aguas, ou a subversão de collinas, por effeito de vulcões e terremotos, etc. pôde ter arrojado aos mares, ou consummido pela humidade, e subvertido comsigo, ou pulverizado, grande porção d'essas ossadas; 2.º, que a incineração dos cadaveres parece ter sido usada n'essas edades, como se prova talvez pelas cinzas e restos de carvões, achados em muitas cavernas, attribuidos a residuos de cosinha, etc.; 3.º, que os antigos historiadores disseram d'alguns povos, entre estes os *iberos*, que haviam por costume abandonar os cadaveres ao pasto das aves de rapina; 4.º, que algumas tribus selvagens, ainda hoje, usam d'aproveitar os craneos como taças para beberem.

(33) É conhecida a fabula da erupção dos pyreneos, de cujas entranhas correu oiro derretido, de que os pastores faziam cajados, e os phenicios fizeram depois ancoras! Mas é curioso o achado d'um diadema d'oiro, na gruta dos Murciélagos, na provincia de Granada, segundo se vê na Memoria do sr. Gongora. Em todo o caso, a descoberta do oiro é antiquissima na nossa península. Ha quem attribua aos arianos a introdução da industria do oiro na Europa; o que equivaleria a datá-la uns 30 seculos antes de Christo.

(34) Mas d'isto a acreditar, que o proprio Noé aqui veiu, uma ou duas vezes, a visitar os seus parentes, como quem viaja *en touriste* nos vapores do Lemán, vae a distancia que ha do possivel ao absurdo. Fr. B. de Brito, Fr. N. d'Oliveira, Marinho Azevedo, e outros, são entre nós os chronistas d'uma divertidissima serie de soberanos, sem interrupção, desde Tubal até Viriato! Osiris, Hercules, Baccho, Ulisses, Nabuchodonosor, Alexandre Magno, entram na lista. Até Homero cá veiu, em poetica digressão, visitar o Algarve, e talvez gostar-lhe os figos.

creando novas nacionalidades, até ao tempo dos romanos, em que verdadeiramente começam para nós os tempos historicos.

Chegado a este termo, deveria eu estudar, mais d'espaco, os costumes, a civilisação d'estas gentes, pelas epochas decorridas; e occupar-me ainda dos vascos, euskos, ou euskaldunacs, que alguns escriptores supõem iberos tambem (35), outros reputam fennos (36); mas que me parece não serem uma nem outra coisa: pequeno, e mui notavel povo, que se deixou ficar circumscripto pelas serranias cantabricas, e vertentes septentrionaes dos Pyreneos, como que segregado do resto da nossa península. Taes indagações, porém, terão cabida provavelmente n'outra occasião.

Será então opportuno averiguar se haverá ainda alguma parte da nossa península, em que se possam descobrir vestigios dos typos das primeiras raças dos seus habitadores.

Se haverá localidades em que esse typo se tenha conservado puro, ou pouco menos, resistindo porventura a todas as fusões.

Se terá havido fusão entre todas, ou apenas algumas das antigas raças.

E por que feições, ou caracteres, poderemos conhecer os elementos da fusão, e distinguir as raças. Se pela physionomia, se pela lingua, se pelos habitos, se pelos nomes das localidades...

Farei então algumas considerações, indispensaveis, sobre o abandono em que o nosso governo deixa os estudos da archeologia prehistorica em Portugal; e o pouco interesse que por elles mostra a nossa litteratura; havendo alias entre nós theoricos mui distinctos, que poderiam ser tambem praticamente sabios n'esta sciencia, na paleontologia, na linguistica e na anthropologia, como o vão sendo na geologia, a mais interessante das sciencias naturaes dos tempos modernos.

(35) G. d'Humboldt, e outros.

(36) Supposição creada pela anthropologia, e ultimamente pela anthropologia rejeitada!

10—8—74.

Sá Vilella.

## EDIFICIO DE UTILIDADE PUBLICA

### O NOVO HOSPITAL EM MACAU

São tão poucos os edificios publicos construidos em Portugal n'este seculo, que apresentem, pela sua bem



delineada planta, aspecto grandioso e agradável perspectiva, e sobretudo offereçam as condições reunidas ás mais apropriadas de sua especial destinação, que nos surpreendeu sobremaneira quando recebemos do distincto governador de Macau, o ex.<sup>mo</sup> sr. Visconde de S. Januario, digno socio da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes, uma photographia tirada d'um hospital militar, que por iniciativa e sob a illustrada inspecção de s. ex.<sup>a</sup> foi construido no presente anno n'aquella colonia portugueza. Examinámos com satisfação o prospecto de tão magnifica fabrica, e posto que nos ufanassemos de se haver executado tão longe da metropole um edificio d'esta ordem (pois alem da sua reconhecida utilidade e merecimento architectonico, faz tambem honra á nação a que pertence, e attrahe merecida gloria ao esclarecido promotor d'este grande melhoramento, o qual era ha muito reclamado para beneficio da humanidade e credito do governo): pareciamos quasi impossivel ter-se podido executar n'esta epocha tão vasto edificio, com as condições essenciaes de bem entendida distribuição, de grandioso aspecto, assás esbelto, notando-se-lhe sobretudo bastante novidade na sua geral configuração.

Não é de certo um typo architectonico, que possa servir de modelo para estudo d'arte, nem tão pouco ser citado como offerecendo o caracter mais proprio para um hospital; não obstante, não se podem recusar elogios á feliz intelligencia de quem compoz o conjuncto das suas fachadas, muito embora ellas lembrem um pouco ás construcções orientaes, e ao mesmo tempo apresentem reminiscencia das edificações britannicas; talvez por estar n'aquella região, e na proximidade das possessões inglezas: todavia essa construcção mixta foi calculada para produzir agradável effeito, ainda que independente da sua determinada applicação. Sendo, pois, considerado sob este ponto de vista, reconhece-se muito merecimento na sua composição architectonica, e tem novidade esta recente construcção. (Estampa 5.<sup>a</sup>)

Foi bem entendida a collocação de dispôr em varios pavilhões as suas enfermarias, pois não só lhe proporcionou terem mais luz e ar, ficando separadas por pateos abertos na sua extremidade opposta, evitando a accumulção dos doentes, o que está reprovado pela sciencia; mas igualmente facilitou dar-se-lhe um aspecto mais pittoresco, porque a saliencia de seus diversos corpos sobre o prolongamento da fachada, produzindo as projecções das sombras sobre ella, motiva um agradável contraste e lhe faz realçar muito mais as divisões principaes do edificio.

Foi excellente a idea de se aproveitarem os dois torreões das extremidades, para se collocarem sobre elles

dois mirantes: e com quanto pareça estarem deslocados em um hospital semelhantes accessorios, todavia a elevação d'esses corpos contribue muito para lhes fazer mais vistosa a fachada do edificio, e attrahir a attenção do publico, para desfrutar o bello effeito causado pela novidade do conjuncto d'esta construcção.

Felicitámos, pois, o ill.<sup>mo</sup> sr. capitão Dias de Carvalho, pela intelligente distribuição do plano; assim como receba encomios o ex.<sup>mo</sup> sr. barão de Cercal pelo encantador aspecto com que delineou os alçados do hospital de S. Januario; o que fará sem duvida lembrar com maior reconhecimento aos habitantes de Macau qual a solitudine do esclarecido governador, o ex.<sup>mo</sup> sr. visconde de S. Januario, por ter dotado aquella cidade com um tão necessario melhoramento publico.

Achámos curioso fazer alguns extractos da excellente memoria publicada pelo sr. capitão Carvalho, em que descreve a distribuição d'este hospital, havendo-se inspirado para traçar a sua planta do afamado hospital de S. Raphael da Belgica; e tambem nos dá informações do modo como os operarios chinas executam estas obras, tanto em relação aos costumes d'aquella região, como pela maneira original de se contratarem com elles as construcções n'aquella paiz.

O edificio tem de extensão 205 covados chinas (75 metros, 37 cent.), e de largura 100 covados (37 metros).

No torreão do lado esquerdo está a capella e por cima o observatorio metereologico; no que fica á direita estão as salas de conferencias, alojamento do director, e o mostrador do relógio.

Entre estes dois torreões é o edificio abarracado, ficando dividido no centro por um corpo saliente com um andar nobre, o qual serve para a sala das sessões, gabinete do director e secretaria; sendo destinado o seu pavimento inferior para o vestibulo da entrada principal, casa da guarda e quarto do porteiro.

Os quartos dispostos n'este primeiro plano servem para enfermarias dos officiaes, casa de banhos, pharmacia, arrecadações. Abrem estes quartos para uma extensa galeria do comprimento total do edificio.

Na rectaguarda d'esta galeria estão dispostos cinco corpos perpendiculares á fachada do edificio, com 24 metros, 61 cent. de comprimento, e de largura 8 metros, 57 cent. D'estes corpos, os tres centraes são para enfermarias de 20 doentes, tendo-se-lhes dado 40 metros de ar para cada pessoa. Todas estas enfermarias têm quartos annexos para banhos, arrecadações e privadas. Os dois corpos extremos estão divididos no meio por um



corredor, que liga com a galeria; servindo um d'elles para presos doentes, quarto para alienados, sala de operações, arrecadações, cosinha; o outro corpo é destinado para quartos dos officiaes inferiores, enfermeiros, banhos.

Todos os alojamentos teem caixilhos e portas janellas, independentes um dos outros para obter sufficiente luz e ventilação.

Do edificio, na sua frente principal, ficando elevado d'este lado acima do terreno 6 covados (7 metros, 8 cent.) poderam aproveitar todo o espaço inferior para servir de armazens; havendo junto ao edificio o jardim do hospital, que tem a fórma de ferradura, occupando uma area de 1:500 metros quadrados e sendo rodeado por uma espaçosa estrada de 15 metros de largura.

Uma balaustrada com 300 metros aformoseia e separa o edificio da estrada do Visconde de S. Januario.

Despendeu-se com toda a construcção d'esta obra a quantia de 16:000\$000 réis, incluindo aqueductos, pontes, pavilhões necessarios para completar esta moderna construcção.

Entre os chinas ha tres classes de operarios. Pertencem á mais inferior os que trabalham em alicerces ou muros d'alvenaria, e são conhecidos por *pedreiros de pedra*: á segunda os que trabalham em paredes de tijolo ou em telhados, e a estes denominam *pedreiros de tijolo*; finalmente a classe mais elevada é a dos que trabalham em molduras, estuques, e ornatos, *são os mais peritos*; e causa admiração a paciencia que consomem n'esta especie de trabalho, e os utensilios ordinarios de que se servem.

O jornal de pedreiro está fixado a 173 réis, e do servente a 85 réis.

No officio ha quatro cathogorias distinctas, *cabeça, cabecilha, officiaes e serventes*. O cabeça, superintendente em todas as obras do officio, recebe tantos por cento dos salarios de seus officiaes e serventes.

Os cabecilhas não são mais que directores de tarefa. Cada official tem á sua disposição dois serventes. Calculam-se 9 horas de trabalho em cada dia.

Chamam se *picadores* na China aos cabouqueiros e canteiros. O seu trabalho é muito imperfeito pela falta de conhecimentos d'este officio, e sobretudo pela grossa ferramenta de que se servem. O picador em geral é mentiroso e mandrião; existem todos associados, e nunca tomam trabalhos, já principiaados pelos seus companheiros, por expressa prohibição da sua associação.

N'esta classe distinguem-se tambem *cabeça, officiaes e aprendizes*. O cabeça em geral sô delinea pela manha os trabalhos dos officiaes, porque fuma quasi todo

o dia. Os officiaes precisam duas horas durante o dia para fumar opio. São estes os operarios que na China teem maior salario, recebendo sem distincção 282 réis.

Os carpinteiros compõem uma forte associação, são os operarios mais serviçaes, trabalham sempre de bom grado, são activos e os seus trabalhos são os mais perfeitos de todos os officiaes que entram na construcção. O officio é de 5 annos e adquirem conhecimentos de geometria. O seu salario é tambem de 282 réis. Os cabeças descontam-lhes uma certa quantia para a sua associação.

Os officiaes de ferreiro recebem a paga do seu trabalho pela differença que ha entre o peso bruto do ferro e aquelle da obra acabada, que corresponde ao feito. Está ainda em muito atrazo este officio.

Os salarios dos pintores são baratissimos: alguns d'estes muito perfeitos e com bastante habilidade. Costumam primeiro acharoar a preto os objectos que têm de ser dourados.

A cal superior é muito fina, mas é n'esta qualidade que se encontra mais fraude, porque lhe misturam farinha de arroz, ou uma qualidade de terra mui branca.

Conforme na argamassa entra algodão, papel ou palha, os chinas empregam a *cal algodão* para superiores estuques; *cal papel* para rebocos: o seu preço varia conforme a qualidade, como o peso de 133 libras custa de 121 a 344 réis.

Os pedreiros empregam nos trabalhos cal muito pisada com palha, a qual chamam *cal peluro*.

A argamassa para unir ladrilhos é composta de *limalha de ferro* e *azeite de pau* (de menduim).

Entre as madeiras de que se servem os chinas para as suas construcções, taes que pau ferro, teca, madeira de *Singapura*, entena (vigas), pinho da China; é, porém, de veneração para elles aquella madeira designada pelo nome de *Chau*, madeira escura, bastante pesada, a qual é empregada como *pau de fileira*; sobre elle lançam grandes tiras de panno, a fim de afugentar os *maus espiritos*, e chamar a *felicidade* para as suas construcções.

Esta resumida noticia a respeito da pericia dos diversos officios dos operarios, seus salarios e o modo de usar dos materiaes, na China, julgámos seria interessante para nós, architectos da Europa, podermos avaliar melhor a perfeição do trabalho e o custo da obra, em referencia á quantia despendida no novo edificio do hospital que foi ultimamente construido na cidade de Macau.

O architecto J. da Silva,



## O CASTELLO DE LEIRIA

(APONTAMENTOS E CONJECTURAS)

*Pelo socio correspondente o sr. Victorino da Silva Araujo, professor do Lyceu em Leiria*

(Continuado do n.º antecedente, pag. 19)

Quando D. João de Castella invadiu Portugal, chamado por D. Leonor Telles, era alcaide do castello de Leiria, posto pela rainha, Garcia Rodrigues Taborda. Este recusou abrir a fortaleza ao Mestre d'Aviz, quando, levantado o cerco de Torres-Vedras, marchava para Coimbra, mantendo a fé jurada até á epocha da batalha de Aljubarrota, em que morreu. Bem podéra, talvez sem taxa de traidor, ter seguido outro avizo, sendo manifesta a injustiça da causa que defendia; mas desculpa-o, porventura, sua naturalidade. (Nota D.)

Diz Faria e Souza (part. 3.ª, cap. 4.) que o Senhor D. João I, em seguida á sua aclamação em Coimbra, entre outros officiaes de sua caaa que nomeou, fez thesoureiro-mor a Lourenço Martins—*Ya Alcayde Mayor de Leiria*—. Quer porventura dizer, ou que el-rei, contando com o rendimento do castello, que ainda estava por Castella, nomeou antecipadamente alcaide d'elle, e depois thesoureiro-mór, a Lourenço Martins; ou que este fidalgo já o tinha sido, talvez proximamente a Garcia Rodrigues, cargo de que seria exonerado por sua afeição ao Mestre d'Aviz. A não ser isto, não acerto em conciliar tal noticia com a outra que o mencionado historiador deu ha pouco, e eu referi acima, de haver Garcia Rodrigues negado ao Mestre entrada no castello, quando elle vinha de Torres-Vedras, facto que precedeu mui de perto a aclamação; sendo o mais verosimil, que o castelhano, quando marchou a encontrar os portuguezes, como effectivamente encontrou ao pé de Aljubarrota, passasse por Leiria, e Garcia Rodrigues o seguisse.

fosse como fosse, é provavel que este Lourenço Martins seja o mesmo que teve a seu cuidado ao Senhor D. João nos primeiros annos da sua infancia; não obstante chamar-lhe o citado historiador n'outro logar Lourenço de Leiria, e Fr. Bernardo de Brito (*Elogio hist. dos reis de Port.*) Lourenço Martins da Praça: e depois foi um dos vinte cinco homens d'armas, que acompanharam ao mesmo Senhor na empreza da morte do Conde Andeiro,

Em um livrinho intitulado *Ramalhete de devoção* li, fazendo referencia á 8.ª part. da *Monarchia Lusitania*, que o Senhor D. João I finalmente estivera em Leiria com a Senhora D. Philippa, sua esposa, depois

da batalha de Aljubarrota. Foi talvez por esta occasião que os piedosos monarchas principiaram, ou antes reformaram, o convento de S. Francisco, e fizeram a obra do alcaçar.

O mesmo principe revogou a doação que seu irmão fizera á rainha D. Leonor; e declarou, que o castello de Leiria nunca mais seria separado do patrimonio real: talvez para não tornar a acontecer o que aconteceu quando elle era d'aquella Senhora.

Emfim, debaixo da fé da chorographia portugueza, foi em Leiria que se creou o infante D. Affonso, illustre tronco da regia Casa de Bragança.

Não honrou menos Leiria com sua assistencia o Senhor Rei D. Duarte, apesar do seu curto reinado. Das occasiões que isto fez duas foram bem sollemnes. A primeira, quando depois da trasladação do seu defunto pae, veio aqui pousar, onde foi jurado pelos alcaides-mores, e pelo povo. É por esta rasão certamente, que o A. da Geographia Historica diz, que as côrtes para o juramento do virtuoso, quanto infeliz monarcha, foram abertas em Leiria, e continuadas em Santarem. A segunda, quatro annos mais adiante, presidindo a outras côrtes, em que se decidiu, que se não entregasse Ceuta aos Mouros, nem mesmo a trôco da pessoa do Principe: foi o voto do Conde de Arraiolos.

D'aqui em diante não sei de mais nenhum de nossos monarchas, que se demorasse em Leiria.

O Senhor D. Manuel fez mercê d'uma sepultura na igreja do castello a Pedro Barba Alardo, alcaide-mór do mesmo, e neto de Fernão Rosa Alardo, que tambem o havia sido. A sepultura era na capella-mór Ja parte do evangelho: ainda hoje (1868) se podem ver as suas ruinas, bem como a inscripção d'onde isto consta, e é a seguinte:

S.<sup>A</sup> DE Q̃ FES M.<sup>CE</sup> O S.<sup>OR</sup> REI. D. M.<sup>EL</sup> A  
P.<sup>O</sup> BARBA ALARDO ALCAIDE MOR DESTE  
CAS.<sup>O</sup> CAP.<sup>AM</sup> G.<sup>L</sup> DE CEITA. F.<sup>O</sup> DE RVI  
BARBA COREA. DO C.<sup>O</sup> DOS REIS. D. A.<sup>O</sup> 5.<sup>O</sup>  
E D. I.<sup>O</sup> 2.<sup>O</sup> E N.<sup>TO</sup> DE FERNÃO ROZA A  
L.<sup>DO</sup> Q̃ FOI ALCAIDE MOR DESLE CT.<sup>O</sup> E DO  
DA V.<sup>A</sup> DE OBIDOS. E BISNETO DE RVI-MIZ  
BARBA E ERIA. MIZ. ALD.<sup>RO</sup> O S.<sup>O</sup> . . . . D.  
ALD.<sup>RO</sup> S.<sup>R</sup> DE V.<sup>A</sup> VERDE. POR. M. DELREI  
D. A.<sup>O</sup> I.<sup>O</sup> ANNO DE II60.

Póde igualmente ver-se a *Mon. Lusitana*. part. 3. L. 10, C. 29, onde alguma cousa diz, que illustrará esta inscripção.



Como toquei n'esta inscripção, direi um reparo que ella me suscita. Nota Fr. Antonio Brandão, que o cargo de alcaide mór de Leiria andava na casa dos marquezes de Villa Real, os quaes tinham um palacio de fabrica antiga junto ao rio (Nota E); e a inscripção declara, que já antes do reinado do Senhor D. Manuel tinha o sobredito cargo a familia dos Barbas, a qual parece não ter parentesco com a dos marquezes, que são Menezes. Ora, como estava em costume constituirem as alcadarias-móres uma como herança de familia, ao menos talvez quando se tornaram meros titulos honoríficos; e até em certo caso previsto pela Ord. (L. 1. Tit. 74) eram uma verdadeira herança: como foi que o de castello de Leiria passou dos Barbas para os marquezes de Villa Real? e d'estes outra vez para os Barbas, que ainda não ha muito se gloriavam d'esta honra? O palacio tinham elles em Leiria: ainda existe. Que lá residiram, tambem não ha duvida: ahí fez seu testamento, e falleceu(?) a marqueza de Villa-Real e Duqueza de Caminha D. Isabel de Alencastre, mulher do primeiro Duque Marquez de Villa-Real, D. Miguel de Menezes. Possui uma copia d'este documento, e ella jaz na igreja do convento de Santa-Anna. Ahí se achava o Marquez D. Luiz de Menezes, quando rompeu a gloriosa revolução de 1640. Mas isto que prova? que os marquezes tinham uma casa em Leiria, e, a meu ver, nada mais. Lembra-me, que talvez alguns dos nossos reis, que succederam ao Senhor D. Manuel até á queda da dynastia portugueza, ou mais ainda algum dos Philippes, a cuja causa os marquezes eram afeiçoados, e de quem tinham recebido outras mercês (Nota F.), os houvessem investido n'aquella dignidade, embora mau grado dos Barbas; ou ella já então não fosse mais que honoraria, ou fosse ainda effectiva: e que, extincta a casa de Villa-Real em 1641 pelo modo que se sabe, revertesse aos Barbas, seus antigos possuidores. Quanto ao historiador cisterciense podia ser que não tivesse conhecimento da inscripção (a qual, comtudo, parece não haver escapado ao Fr. Carvalho, que escreve no sentido d'ella), e se illudisse por causa do palacio.

E porque d'aqui para diante não haverá mais occasião de fallar dos alcaldes-móres de Leiria, não ficará porventura mal n'este logar uma resenha, ou recapitulação, d'aquelles de que nomeadamente tenho noticia.

Paio Guterres, o primeiro que teve este castello, no reinado do Senhor D. Affonso Henriques. No livro das Eras de Sancta Cruz de Coimbra, vulgo —*livro da Noa*— se diz, que era conego de Santa Cruz.

João Carapesal, no tempo de Senhor D. Sancho I.  
Martim Fernandes, sob o Senhor D. Affonso III.

Pedro Annes de Portel. Ainda assigna como tal em 1282.

Lourenço Annes Redondo, pelo Senhor D. Diniz.

Garcia Rodrigues Taborda, posto por D. Leonor Telles.

Lourenço Martins, pelo Senhor D. João I.

Ferrão Rosa Alardo, no reinado, provavelmente, do Senhor D. Affonso V.

Pedro Barba Alardo, agraciado pelo Senhor D. Manuel.

Somos chegados á infausta dominação hespanhola. Muitas considerações me levam a crer, que durante este periodo o castello de Leiria esteve desprezado. Era maxima de Philippe II, maxima que elle transmittiu a seus successores—*que mais valia ser soberano d'um reino arruinado e mal seguro, que florescente e poderoso com perigo de inquietar-se.*— A' conta d'este barbaro principio, abandonaram-se praças, e deixaram-se cair suas ameias; carregou-se desapiedadamente a mão em materia de tributos: fizeram-se levás sem limitação de numero; e o nobre sangue portuguez correu a jorros em paizes extranhos a prol de extranhos senhores. Na Africa, na Asia, na America as vexações e damnos que soffreu a corôa portugueza não foram menores. No longo espaço de sessenta annos, no paiz e no ultramar, que males uos não causou o desamor de governadores estrangeiros, e a torpe baixez, a criminosa ambição de naturaes degenerados!

Já o citado Brandão, que escrevia por estes tempos, lamentava os prejuizos que os muros do castello iam experimentando em rasão dos annos; e taxava o descuido de quem (palavras formaes) deixava ir perdendo *tão nobres antiquallas*, expressão que dava a entender que já no tempo que ia correndo o castello não merecia mais que as honras d'um monumento de passados feitos, isto é, d'um móvel, precioso sim, porem já retirado de uso. E a esta opinião favorece o mais que o alludido historiador ajunta que, «os marquezes de Villa-Real tinham aposentos na fortaleza, onde algum tempo viveram, mas que agora (no tempo do historiador), quando vinham á cidade, se agasalhavam em outros que tinham junto do rio».

E assim devia ser. A grande revolução que experimentou a arte da guerra com a invenção da polvora e da artilheria, não podia deixar de contribuir extraordinariamente para o abandono de numerosas fortalezas. Possantes para resistir aos engenhos e trabucos da idade-media, haviam-se tornado insufficientes contra as balas e pelouros do canhão moderno. Assim que, a contar do Senhor D. Manuel, a historia (que eu saiba) não torna mais a occupar-se do castello de Leiria.



D'onde collijo, em summa, que do governo d'este soberano por diante entrou a ser cada vez menos considerado; que no interregno dos Philippes esteve totalmente esquecido; e finalmente que, como na prolongada lucta, que depois da restauração sustentámos com Castella, não consta se fortificassem senão as praças das fronteiras, nunca mais suiu d'este esquecimento.

A caminhar d'aqui tudo são ruínas. Mas como a acção do tempo ia vagarosa, entenderam os homens que deviam ajudal-a; e n'este empenho vieram os francezes em 1810, seguiram-se-lhes os proprios portuguezes em 1833 e 34, pozeram todos mãos á obra, e apenas deixaram os muros da cerca episcopal, porque lhes convinham; a torre da menagem, porque não poderam talvez, ou lhes não sobrava tempo para a destruir; algumas paredes do alcaçar; as da igreja e casa dos conegos regulares; e outras pouco importantes á entrada do castello.

Actualmente (1868) acham-se em terra tambem a parede oriental da casa dos sobreditos conegos, que era contigua á igreja, e uma outra parede interior da alcaçova. Attribuem-se estes estragos ao terremoto de 11 de novembro de 1858; se não ao facto vandalico, denunciado pelo —*Leiriense*— d'aquella epocha (n.º 430, de 27 de maio de 1859) de se andar demolindo uma parede do castello, para lhe aproveitarem a pedra!

Eis-aqui, em compendio, quanto a minha insufficiencia pôde colher ácerca da historia do pictoresco castello de Leiria—cujos cavalleiros eram tidos pelos melhores cavalleiros do paiz; cujos peões não eram excedidos por nenhuns peões—MILES DE LERENA STEL PRO MELIORIS MILITE DE TOTA TERRA REGIS IN JUDICIO, ET PEON PRO MELIORI PEONE. (Foral de Leiria pelo Senhor D. Affonso Henriques).

*Esta é ditosa patria minha amada* (Camões), a fertil, amena, e pacifica Leiria, berço do mavioso *Lereno*, que, a mais não poder ser, tão docemente cantou seus campos e collinas ao som dos murmurios do Liz:

*Cuja riba se aréa  
Do alemo e da faia,  
Do freixo e do salgueiro,  
Do ulmo, da avelleira, e do loureiro.*  
(F. R. LOBO, PRIM.)

(Nota D.)—Gallego lhe chama Faria e Sousa. (Europa Port. T. 2. P. 3. C. 1. n.º 67).

(Nota E.)—Depois que Brandão escreveu isto, o leito do rio foi mudado um pouco mais para o nascente, de sorte que hoje não corre já ao longo do palacio. Ainda ha poucos annos se demoliu a ponte velha que o atravessava.

(Nota F.)—Philippe II. (I em Port.) fez duque de Villa-Real ao marquez do mesmo titulo D. Manuel de Menezes; e Philippe III (II em Port.) Duque de Caminha ao marquez D. Miguel de Menezes (Faria e Sousa—Europ. Port. T. 3. Part. 2. C. 1. e 2.)

N. B. Póde tambem ler-se, com muita vantagem, a *Descripção topographica, historica, ecclesiastica, do Bispado de Leiria, pelo Padre Manuel Rodrigues de Faria*, da qual ha publicado um caderno, impresso na Typographia Leiriense em 1859. Segundo este livro, a igreja, cujas paredes ainda hoje se vêem no castello, não é a primitiva, que o Senhor D. Affonso Henriques mandou fazer, a qual era mais pequena, e d'outro feittio; mas sim uma segunda, que a piedade do Senhor D. João I mandou construir sobre as ruínas d'aquella. Diz que na capella-mór, e nas linhas e ferros da igreja, estava a divisa d'este soberano, e no côro as suas armas. E finalmente, que tinha vidraças pintadas, mandadas fazer pelo Senhor D. Manuel, como attestava um letreiro que havia do lado do evangelho.

---

## DESCOBERTA RARA FEITA NO ALGARVE

Os primeiros antiquarios de Portugal haviam-se dedicado muito mais ás investigações epigraphicas respectivas ás remotas eras, do que curaram de outros vestigios archeologicos; e posto que tivessem colhido grande numero de importantes inscripções, tanto das epochas romanas, como d'aquellas da idade media, e da renascença. todavia, nem todas as existentes no paiz lhe poderam ser conhecidas como foi a descoberta no Algarve de origem grega, que é a unica que até ao presente se tem encontrado em Portugal. Mas como os estudos n'esta especialidade tenham sido unicamente praticados por iniciativa de particulares, não podem ser constantes, nem geraes em todo o reino; e por este motivo ainda apparecem algumas inscripções antigas, que, pela sua raridade, e mesmo pelo archaismo de suas fórmas, são do mais subido valor archeologico e merecem aos homens da sciencia grande interesse taes descobertas, tanto para elucidar pontos de historia patria, como para enriquecer mais as nossas colleções lapidares.

N'este caso está a copia, que publicámos no presente numero, da rara inscripção achada no Algarve, proximo de Lagos no lugar de *Espiche*, cujos caracteres têm causado pelo seu feittio singular e grande admiração a quantos os observam.

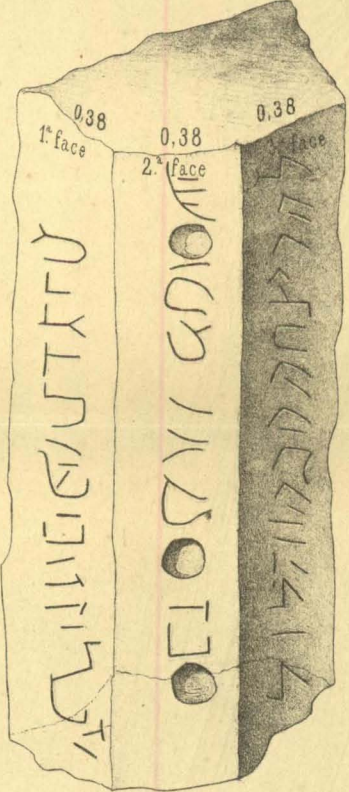


Lapida 1.<sup>a</sup> 3.<sup>a</sup> face

Lapida 1.<sup>a</sup> 1.<sup>a</sup> face

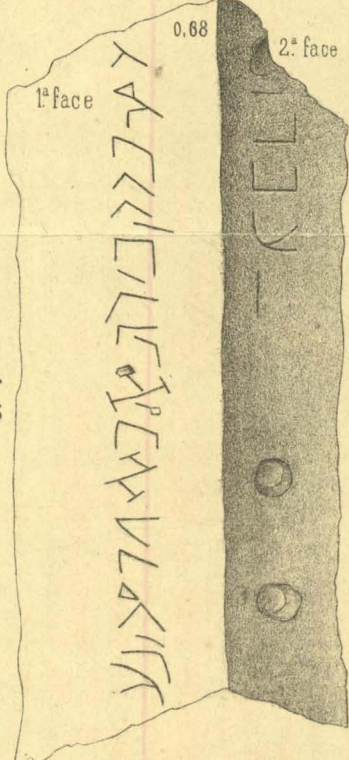
Lapida 2.<sup>a</sup> 1.<sup>a</sup> face

LAPIDA PRIMEIRA



Lapida 2.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup> face

LAPIDA SEGUNDA



The image displays two ancient stone fragments with their original inscriptions and detailed drawings. The first fragment, labeled 'LAPIDA PRIMEIRA', is shown from three perspectives: its third face (left), first face (middle), and first face (right). The second fragment, labeled 'LAPIDA SEGUNDA', is shown from its first face (left) and second face (right). The inscriptions are in a stylized, ancient script. The drawings include measurements: 0.38 for the width of the faces and 1.48 for the height of the fragments.

Lith. Casca, P. de B. D. e



Se não fosse o apreço que sabe dar o digno socio correspondente d'esta Real Associação, o Ill.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Xavier de Paiva, aos objectos archeologicos, certamente não se teria conservado esta preciosa inscripção; porque, se s. s.<sup>a</sup> não tivesse dado valor ás pedras em que estava gravada, seriam estas destruidas em pedaços para servirem os seus fragmentos na construcção d'alguma parede!

Está esta inscripção aberta em duas pedras calcarias de fórma prismatica, com quatro faces, sendo tres de larguras eguaes, sobre as quaes foram gravados os caracteres, e occupando a outra face (o tardo) toda a largura dos outros tres lados; como se vê na estampa 6.<sup>a</sup> pelo desenho em perspectiva.

Foram furadas estas pedras por buracos circulares, estando separados uns dos outros, porém ficando correspondentes na mesma altura a fim de servirem de *tronco para ferrar!* Felizmente, por mero acaso, esses buracos não supprimiram nenhuns dos signaes.

Suppomos que na primitiva fosse inteiriça esta pedra para servir a commemorar algum facto; e o que nos dá fundamento á nossa opinião, é o constar que ella occupava o logar de hobreira n'uma casa bastante velha, que havia d'antes n'aquelle sitio.

Logo que vieram para o museu archeologico do Largo do Carmo, tirámos copias fieis d'esses caracteres, para se consultar os principaes *epigraphistas* de Londres, Paris e Italia, a fim de se conhecer a sua verdadeira significação. Por emquanto apenas se julga pertencer a um monumento funereo; mas esperámos receber uma interpretação completa sobre esta singular inscripção; contudo, não desejando privar por mais tempo os leitores d'este Boletim, do conhecimento de tão curiosa descoberta, damos esta succinta noticia.

*O architecto J. da Silva.*

## APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

*Pelo digno socio correspondente o sr. Dr. Francisco Rodrigues de Gusmão*

*Medalhas romanas de prata encontradas nas ruinas da antiga Medobriga (ARAMENHA), adjacente á villa de Marvão, concelho de Portalegre, quando se construiu a estrada, que se dirige a Hespanha.*

Talvez seja escusado advertir, que, sendo as moedas destinadas ao commercio, como as medalhas a perpetuar memórias, as moedas antigas, e já fóra do curso

ordinario, são reputadas pelos litteratos como medalhas, e as contemplam na Numismatica, sciencia difficil e que raros cultores tem entre nós:

### I

LABEO. ROMA. Cabeça de Pallas á direita, com o capacete alado; adiante X.

Rc. Q. FABI. Jupiter na quadriga galopando á direita, com o raio e a lança; por baixo dos cavallos um esporão de navio.

### II

ROMA, Cabeça de Pallas á direita com o capacete alado, Rc. M. TVLI. Victoria na quadriga galopando á direita com a palma; por cima uma coroa; por baixo dos cavallos X.

### III

Cabeça de Pallas á esquerda com capacete dado.

Rc. L. SATVRN. Saturno com um facho na quadriga a galope á direita; por baixo da quadriga ☾.

### IV

PITIO. Cabeça de Pallas á direita com o capacete alado; adiante X.

Rc. L. SEMP. ROMA. Os Dioscures a cavallo marchando á direita.

### V

ROMA. Cabeça laureada de Saturno á esquerda; atraz uma foice: adiante S.

Rc. L. MEMMI GAL. Venus na biga a passo, á direita, coroada por Cupido.

### Dentada

### VI

ROMA. Cabeça de Pallas á direita, com capacete alado; adiante X.

Rc. L. FLAMINI. CILO. Victoria na biga, galopando á direita, com uma coroa.

### VII

Cabeça de Pallas á esquerda com plumas na cimeira do capacete.

Rc. Q. THERM. M. F. Dois soldados armados de espadas e escudos combatendo; no centro outro soldado caído.







estreita em espiral e na base bonitos relevos, sustentam o entablamento, onde se ergue o corpo que fórma o docel sobre o altar, e cobre o throno, egualmente dourado. Aos lados do altar ha duas estatuas de má esculptura e pintadas de côres vivas. As faces lateraes da capella são azulejadas de côres, os desenhos d'estes azulejos são cornucopias d'onde saem flores: a superficie d'elles é lisa. Esta capella é fechada por uma balaustrada de grésbigaré; da parte de fóra e um pouco afastada da balaustrada, ha uma legenda gravada n'uma lagea do pavimento, e cujos caracteres são para mim desconhecidos.

Entre as alfaias que ali houve ainda hoje existem, porém bastante arruinadas, pelo imperdoavel desleixo a que as votaram, *dois frontaes de couro*, com bellos desenhos relevados e illuminados.

Existem tambem á entrada da egreja, lado direito, dois tumulos de marmore — calcáreo branco — não de grande trabalho artistico, e cujas lousas terminam em aresta levantada no centro; em volta dos tumulos ha uma folhagem esculpida no marmore, e nas faces as armas da casa do visconde de Villa Nova da Cerveira, cujo palacio, em ruinas, está proximo da egreja.

Da parte de fóra da mesma egreja ha uma campa com a seguinte inscripção: *Siste viator, cogita paulisper, fui quod es, eris quod sum — Franciscus Aloysius Pereira equestris turno ductor, postridie kal. januar. an. 1787 hic humatus.*

### LIVROS

Veneza — 1649 — *Antiphonarius romanus*. Circulo ornamentado — dois anjos na parte superior teem, n'uma das mãos, corôas, e na outra uma trombeta; a figura é encimada pela thiara e chaves—flores de liz guarnecem interiormente o circulo — *Celta fecit.*

Veneza — 1745 — *Missal* — Sacrificio d'Isaac — Abraham, em acção de descarregar o golpe, tem a espada erguida que um anjo, segura — paisagem. *Hyllbronck. sculps.*

Joaquim da Conceição Gomes.  
Socio correspondente.

---

## DECORAÇÃO

### NOVAS SALAS NO REAL PAÇO D'AJUDA (\*)

(Continuação)

Ainda surprehende muito mais a combinação que fizeram com outro producto marinho, para compôr uma

(\*) Veja-se o n.º 8 da 1.ª serie col. 124.

figura *regular*, esbelta, elegantemente vestida, e com variadas fórmulas adequadas a esse rico vestuario.

A outra figura que está vestida á Luiz XIV, de calção com franja de ouro, meias de seda, sapatos com fivelas, chapéu desabado com presilha de brilhantes em uma pala, manto de veludo lançado sobre os hombros com calculado effeito, é de personagem que sabia trajar, e dava apreço ás roupas de custo; usando na prisão a que estava condemnado, de punhos e tiras nas camizas das mais finas rendas de Malines. Esse manto, não obstante as suas largas pregas, molda-se ao bello contorno do airoso corpo que cobre, e este acha-se na attitude magestosa, que o mysterioso personagem sempre tinha, a ponto de infundir no primeiro ministro de Luiz XIV tanto respeito (e talvez tambem por dever), que lhe fallava dentro da prisão, segundo se conta, *com o chapeau-bas!*

Tem esta enigmatica figura entre as mãos uma riquissima guitarra instrumento que tocava com superioridade, a qual está cravejada de brilhantes e tem cordas de ouro. Para compôr este fiel retrato, e fazer a imitação das meias de seda côr de perola, dos calções e do colete de setim branco, dos apanhados do manto de veludo da mesma côr, da copa e das abas do feltro, das mãos e da parte do rosto, que a mascara de vidro escuro apenas deixa descoberta, empregou se, para tão diversos contornos e configurações, a madreperola em *peças inteiriças*. N'isto consiste a raridade e o subido valor d'esta joia, digna de ser vista e admirada.

Noventa e quatro bugias espargem a sua luz sobre tão lindos objectos, nos quaes o merecimento da execução artistica igualou a preciosidade da materia prima.

Assim como de um atrio se passa ao templo, e d'este ao santuario, da mesma maneira chegámos ao recinto mais reservado, havendo passado primeiro por salas mais accessiveis, e menos adornadas.

Esta comparação não deve ser tomada como uma paridade feita com um logar santificado, mas tão sómente para fazer mais saliente a differença que existe entre o que já descrevemos e admirámos, e aquillo que vamos agora examinar e nos produzirá maior surpresa, tanto pelo esmerado bom gosto na reunião de obras artisticas de merecimento, como pelas recordações gratas e dignas de toda a veneração.

Transponhamos, pois, a porta circular, que separa o curioso gabinete de Saxe, e passemos á sala verde, casa reservada de sua magestade a rainha.

É esta sa'a um terço mais pequena que a azul; tinha egualmente o tecto estucado e pintado com arabescos no genero de Pompêa, faltando-lhe, porém, a graça dos contornos, e a harmonia das côres. Ainda hoje se pôde



julgar da verdade d'esta apreciação, e quanto era inferior essa decoração, examinando as antigas pinturas das sobreportas, e comparando-as com o tecto novo. Tem este os ornatos em relevo dourados, ficando a sala mais alegre e com maior magnificencia, e sendo tambem esta a maneira mais apropriada para adornar os aposentos pertencentes a uma rainha.

O architecto da Casa Real  
J. P. N. da Silva.

(Continua.)

---

---

## CHRONICA

O sr. visconde Henrique Delaborde foi nomeado secretario perpetuo da Academia das Bellas Artes no Instituto de França, para substituir o fallecido Mr. Buelé, nosso chorado socio correspondente.

—O sr. Francisco Lenormand foi nomeado professor de archeologia em substituição de Mr. Buelé.

—O ultimo congresso dos architectos francezes conferiu tres medalhas á Sociedade Central dos architectos de Paris pelos trabalhos de architectura domestica, sendo os nossos confrades Lesonfaché e Rolland, architectos de Paris, e Benoit architecto de Lyon, os que receberam esta merecida distincção.

—O distincto presidente da Associação dos architectos neerlandezes Mr. Leliman, digno socio honorario da nossa Real Associação, offereceu ao governo portuguez a sua magnifica obra de 548 projectos para construcções economicas, a qual foi premiada com a *grande medalha d'ouro* na exposição de 1872; compõe-se esta importante publicação de um livro in-folio com 45 estampas, e o texto impresso em 4.º com 126 folhas em duas columnas.

É bastante conhecido este insigne architecto pelo seu grande talento e pelas numerosas construcções civis por elle delineadas, que lhe têm grangeado fama entre os seus confrades de todos os paizes e gloria para a sua patria.

—O sr. conselheiro Robillard de Beurepaire publicou um opusculo sobre a vida e obras de Mr. de Caumont, que é uma valiosa homenagem feita á memoria de pessoa tão distincta pelo seu saber e qualida-

des. Recebemos um exemplar que muito agradecemos.

—A Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes recebeu da illustre viuva do sabio Caumont o retrato, em photographia e em ponto grande, de seu chorado marido, como uma offerta para ornar a galeria dos retratos de nossos consocios fallecidos. O valor deste delicado offerecimento nos é duplamente estimavel, pela pessoa que representa, e pela distincção que nos concede a sua inconsolavel viuva.

—Vae-se principiar a ornamentar o interior do Pantheão de Paris. Para este fim se destina uma avultada parte da dotação das Bellas-artes. Será convidada a legião dos artistas insignes para concorrer a completar a decoração d'este templo, na qual se combinará com a historia maravilhosa das origens do christianismo a legenda da protectora de Paris, Santa Genoveva.

—O nosso digno socio correspondente, Mr. Arthur de Marsy, teve a mercê d'El-Rei o Senhor D. Luiz da ordem de Nossa Senhora da Conceição, em attenção aos importantes serviços feitos á sciencia d'archeologia, e pelas suas publicações historicas.

—O distincto director da Academia de Athenas, Mr. Emile Burnouf, emprehendeu desentulhar a *Acropole*; já conseguiu descobrir a escada que conduz á gruta de Pan, e encontrou ali um tanque formado pelo rochedo por baixo da *Pinacotheca*. Tem esperanza de conseguir desobstruir todos os arredores da cidadella, das barracas e dos entulhos, que tanto desfiguram estas celebres antiguidades.

—O nosso confrade Mr. Paul Sedille offereceu á nossa Real Associação o elogio historico do celebre architecto Victor Baltar, ornado com o retrato deste fallecido artista, copiado do original pintado pelo insigne pintor Ingres, em Roma em 1837, e com outra estampa, representando a magnifica porta da igreja de S. Agostinho, delineada pelo eminente architecto, nosso chorado consocio.

É publicação de muito merecimento, tanto pela judiciosa apreciação que faz das obras de tão abalidado architecto, como pela maneira imparcial e competente de honrar a memoria de artista tão distincto pelo seu talento e saber.

—O illustre secretario perpetuo da Academia das Bellas Artes, do Instituto de França, o sr. visconde Delaborde dignou-se agradecer, em officio do mesmo Instituto, haver recebido o nosso Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes. E por que já não seja costume no Instituto agradecer-se por este modo, torna se esta delicadeza uma grande distincção para a nossa associação.